

**DESAFIOS E PREOCUPAÇÕES DE PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS INICIANTES DIANTE DE UM CONTEXTO
INOVADOR, DINÂMICO E INTERDISCIPLINAR: percepções de
docentes do Sul do Brasil**

**CHALLENGES AND CONCERNS OF BEGINNING UNIVERSITY
TEACHERS IN AN INNOVATIVE, DYNAMIC AND
INTERDISCIPLINARY CONTEXT: teacher's perception from southern
Brazil**

Giovana Fernanda Bruschi
Alam de Oliveira Casartelli

Resumo

A comunidade acadêmica tem vivenciado significativas inovações disruptivas e enfrenta desafios frequentes. Fato é que vivemos numa sociedade em constante mutação e outro fato é que a universidade historicamente sempre esteve articulada com a sociedade. Contudo, ao refletir como professores universitários iniciantes se sentem ao iniciar sua atuação profissional numa universidade num momento histórico de tantas transformações, diversidade, inovações e avanços tecnológicos, surgem muitas dúvidas que esta pesquisa pretende retratar. Desta forma, este estudo tem como objetivo investigar preocupações e desafios de professores iniciantes numa universidade no Sul do Brasil. A amostra é de uma universidade, no entanto, seus resultados poderão servir de alerta para todas as demais instituições. As questões são relativas aos desafios tanto individuais, presentes na realidade dos docentes, como também, desafios no âmbito da universidade de forma global. É uma pesquisa qualitativa, com aplicação de questionário e análise de conteúdo para concluir os dados. O destaque é que os docentes que responderam essa pesquisa participaram de uma disciplina denominada Metodologia do Ensino Superior e, portanto colocaram suas impressões acerca de sua atuação após essa formação. Como resultado evidenciaram-se preocupações relativas à formação cidadã dos estudantes, o mercado de trabalho tanto na perspectiva do aluno como também do docente. A aplicação de metodologias ativas foi um dos pontos altos, e por fim, a importância em colocar o estudante como protagonista.

Palavras chave: Professores, inovação, universidades, metodologias ativas.

Abstract

The academic community has experienced significant disruptive innovations and faces frequent challenges. The fact is that we live in a constantly changing society and another fact is that the university has historically always been articulated with society. However, reflecting on how beginning university professors feel when starting his professional practice at a university in a historical moment of so many transformations, diversity, innovations and technological advances, many questions arise that this research intends to portray. Thus, this study aims to investigate concerns and challenges of beginning teachers at a university in southern Brazil. The sample is from a university, however, its results may serve as a warning for all other institutions. The questions relate to both individual challenges, present in the reality of teachers, as well as challenges within the university in a global way. It is a qualitative research, with questionnaire application and content analysis to complete the data. The highlight is that the teachers who answered this research participated in a discipline called

Methodology of Higher Education and, therefore, put their impressions about their performance after this formation. As a result, concerns were raised regarding the citizens' education of students, the labor market from the perspective of both student and teacher. The application of active methodologies was one of the highlights, and finally, the importance of placing the student as protagonist.

Keywords: Teachers, innovation, universities, active methodologies.

Introdução

As universidades têm se deparado com uma sociedade que muda constantemente e por consequência obriga-se a se reinventar. Enricome (2007) declara que a universidade deste início de novo milênio, mais do que nunca, terá que aprender a lidar com a complexidade, a incerteza e o enorme desenvolvimento tecnológico que derruba as fronteiras e modifica os conceitos de cidadania e nacionalidade. A autora sustenta que surge a era da comunicação global, do ensino em redes, que afetam a todos nós, especialmente os profissionais da educação. No entanto, conforme destaca Dias Sobrinho (2010) existem dois aspectos importantes nessa realidade, por um lado, a universidade possui uma forte tendência a resistir às modificações e de assegurar a unidade. Por outro, esta instituição apresenta grande flexibilidade, capacidade de adaptação às demandas que surgem ao longo do tempo e abertura à diversidade. Pode-se afirmar que a universidade tem sobrevivido às alterações sociais, mesmo errando e falhando, pelo fato de ter capacidade suficiente para se adaptar, se transformar e pensar o futuro. Moran (2015) ressalta que enquanto a sociedade se modifica, a universidade por sua vez, é desafiada. Para o autor, a Educação Superior continua sendo organizada de maneira previsível, repetitiva, burocrática e pouco atraente. Segundo o autor, o discurso apresenta características inovadoras, porém, a sua organização e a prática pedagógica são pouco arrojadas. Nesse sentido, a UNESCO (1998) em sua declaração sobre a Educação Superior sustenta:

Este século de incerteza está à frente do seu tempo, e mal começamos a sentir os efeitos da nova racionalidade. A universidade contemporânea precisa reconhecer essa nova racionalidade, que começa a se evidenciar na diversificação das sociedades no mundo, sua composição cada vez mais multicultural, as características da massificação, as estruturas da comunicação informativa, a incorporação de tecnologias à vida diária, a redução da distância entre o público e o privado, o acesso dos cidadãos a modalidades de busca do conhecimento diferentes das usuais, as novas dimensões do trabalho baseado na capacidade da iniciativa pessoal e coletiva e a responsabilidade conjunta pelas decisões, o caráter interdisciplinar dos empregos e a permanente mobilidade dos perfis profissionais, geográficos e de

mobilidade cultural, e a redução do estado nacional mediante superestruturas regionais, econômicas e sociais e agir de acordo com tudo isso.

Em virtude de as universidades, pelas funções que lhes são conferidas, serem as instituições mais chamadas pela sociedade para acompanhar as transformações contemporâneas, a realidade é que a docência no nível superior exige que o professor seja competente não somente na sua área de conhecimento, mas também, transmita e aprenda sobre esses novos contextos. Outro fator preponderante é a obtenção de saberes sobre comportamento humano, tecnologia e cidadania, haja vista a realidade que os estudantes, vivem: jovens, mais maduros, de diversas classes sociais.

O futuro do ensino universitário mergulha em questões relevantes em inúmeras perspectivas, como por exemplo, na gestão das instituições de ensino superior (IES), nos métodos de ensino, e em especial, no papel dos professores nesse contexto, pois eles estão no palco principal do ensino universitário. Para Nóvoa (2018) um dos maiores desafios dos professores e gestores na atualidade é ser capaz de não reproduzir a escola do século XIX, mas de criar novos ambientes educativos. E que não sejam tanto um ambiente de aulas, mas um espaço de pesquisa, de trabalho, de curiosidade, de motivação, onde os alunos estudem e aprendam. Para o autor, a escola tradicional, do passado, já não atende às novas gerações, às necessidades dos alunos da geração digital.

Desta forma, reconhecer os desafios, inseguranças e anseios dos professores torna-se uma tarefa árdua, porém, motivadora. Diante destas perspectivas, esta pesquisa justifica-se, pois visa identificar os atuais desafios e preocupações de professores que ministram aulas pela primeira vez em uma universidade do Sul do Brasil. A amostra é de uma universidade, no entanto, seus resultados poderão servir de alerta para todas as demais instituições. Este estudo é parte de uma pesquisa realizada com professores iniciantes e participantes da disciplina de Metodologia do Ensino Superior. Dado o exposto, o embasamento teórico será permeado por teóricos que analisam o atual contexto das instituições de ensino superior, o papel dos professores e sua atuação pedagógica nessa nova realidade. Autores como: Nóvoa (1992, 2018), Imbernón (1998, 2010), Masetto (2003, 2011), Tardif (2000), Zabalza (2004) entre outros, já escreveram sobre o tema dessa pesquisa e, portanto, embasam os resultados desta análise.

2 Educação Superior e Contextos Emergentes

Em tempos passados, o professor era o transmissor de conhecimento e seu foco era passar o conteúdo, sobretudo, matérias específicas sobre determinado tema. Hoje, ele é um mediador que conduz o estudante a questionar, refletir e chegar o mais próximo possível de seu papel cidadão, humano e profissional. Tudo isso decorre da realidade em que se encontra o mundo, com a globalização, a tecnologia, novas dimensões do trabalho e a diversidade. Portanto, novas competências são exigidas dos estudantes e por consequência, também dos professores. Diante dessas características Morosini (2014) traz o conceito que traduz esse atual retrato, isto é, os contextos emergentes da educação superior, que segundo a autora, são configurações em construção na educação superior observadas em sociedades contemporâneas e que convivem em tensão com concepções pré-existentes, refletoras de tendências históricas.

Nessa direção, é importante adicionar que uma das mudanças pelas quais a sociedade está envolvida, diz respeito à rapidez que a tecnologia evolui, fato que reflete diretamente na forma como as instituições de ensino superior atuam, seja com seus estudantes, como também com os professores, haja vista que os jovens chegam às universidades totalmente conectados: com celulares, *tablets* e ligados nas redes sociais. Outra mudança significativa, diz respeito ao perfil dos empregos. Em virtude da crise mundial o número de empregos formais reduziram e, os jovens não desejam mais ficar presos a trabalhos rotineiros e que pouco usem seus conhecimentos. Nessa perspectiva, segundo Audy (2017) as inovações pelas quais as universidades estão passando envolvem principalmente, mudanças na sociedade, gerando novas demandas, novas carreiras profissionais, com formação mais abrangente e flexível, o fim do emprego único, perspectivas de uma vida profissional com constantes mudanças. Também, o novo perfil dos estudantes, gerações digitais, globais, procura por novos formatos de ensino-aprendizagem, ademais, a complexificação dos problemas, com demandas por conhecimento diversos na busca das soluções para os desafios e problemas das empresas e da sociedade e por fim, a importância da capacidade de aprender a aprender, mais autonomia na aquisição de conhecimentos e na formação, a necessidade crescente de educação continuada por toda a vida, visando manter a capacidade de renovação e adaptação às constantes mudanças.

Essas novas configurações, já percebidas na sociedade e conseqüentemente nas universidades, provocam um movimento inquietante nessas instituições, pois promovem reflexões de como estabelecer uma conexão assertiva com esse público. Dentro dessas novas

exigências, sobressai a necessidade do conhecimento interdisciplinar e inovador. Masetto (2011) afirma que dentre as demandas que estão sendo exigidas sobre inovações em aulas universitárias, destacam-se quatro delas: a) como espaço de pesquisa; b) como espaço de construção de conhecimento interdisciplinar; c) como espaço de desenvolvimento de aprendizagem e d) como espaço e tempo de uso das tecnologias de informação e comunicação. Obviamente para que ocorram tais inovações, é fundamental o papel do professor como o mediador dessa nova realidade e adiciona-se o aspecto de que ele também deverá adquirir, caso ainda não tenha, novas habilidades.

Para Imbernón (2010) o professor deste século necessita compreender que existem novos desafios a serem alcançados, entre eles identificar o colapso das velhas certezas, da docência obsoleta orientadas por paradigmas individualistas, centralistas e transmissores de verdades absolutas. Ainda reforça que o professor deve ser um profissional diferente, com competências científica, pedagógica e didática e estruturada de maneira que possa permitir o docente refletir a prática pedagógica moldando aos desafios de enfrentar os novos problemas, conviver com as incertezas, com a transitoriedade dos conhecimentos e com as situações ambíguas e conflituosas. Zabalza (2004) por sua vez destaca que o importante na perspectiva docente, não é que se fale ou se explique bem os conteúdos; o importante é como eles são entendidos, organizados e integrados em um conjunto significativo de conhecimentos e habilidades novas.

A implementação de novas formas de ensinar, nesse novo contexto, deve levar em conta a necessidade de formação docente. Levando-se em consideração esses aspectos, Nóvoa (1992) observa que a formação contínua de professores deve alimentar-se de perspectivas inovadoras; valorizar as alternativas de formação participada e de formação mútua; alicerçar-se numa reflexão na prática sobre a prática; incentivar a participação de todos os professores na concepção, realização e avaliação dos programas de formação continuada; e capitalizar as experiências inovadoras e as redes de trabalho que já existem. Nóvoa (1992) afirma ainda que a formação continuada deve estar articulada, visando ao desenvolvimento e a produção do professor como pessoa e como profissional. Tardif (2000) alinha-se a afirmação anterior ao esclarecer que tanto em suas bases teóricas quanto em suas consequências práticas, os conhecimentos profissionais são evolutivos e progressivos e necessitam, por conseguinte, uma formação contínua e continuada. Ressalta ainda o autor, que os profissionais devem, assim, autoformar-se e reciclar-se através de diferentes meios, após seus estudos universitários iniciais.

Adiciona Zabalza (2004) ao afirmar que ao tratar das exigências pertinentes ao professor universitário, demonstra que o exercício da docência, para aqueles que efetivamente valorizam seu trabalho em sala de aula e não o fazem apenas como uma atividade secundária demanda uma série de preocupações antes e depois da aula que garantam seu sentido didático. Para o autor: “A qualificação científica e pedagógica deste é um dos fatores básicos da qualidade da universidade. Portanto, é fundamental que o professor universitário possua estas competências para o exercício de sua profissão” (ZABALZA, 2004).

3 Metodologia

Essa pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa de cunho exploratório. Conforme Flick (2004) essas pesquisas utilizam o texto como material empírico, ao contrário da quantitativa, que se utiliza de números. Parte da noção da construção social das realidades estudadas está interessada nas perspectivas dos participantes, em sua prática cotidiana relativa à questão em estudo. Para o autor, a pesquisa qualitativa é um tipo de atividade que posiciona o observador no mundo, sendo constituída por um conjunto de práticas interpretativas. Aaker (2009) reforça que a pesquisa exploratória é usada quando se busca um entendimento sobre a natureza geral de um problema, as possíveis hipóteses alternativas e variáveis relevantes que precisam ser consideradas. Ademais, os métodos são flexíveis, não estruturados e qualitativos para que o pesquisador faça sua pesquisa sem preconceções sobre aquilo que será encontrado. Desta forma, com falta de estrutura rígida permite-se que se investigue diferentes ideias e indícios sobre a situação.

A técnica de coleta de dados foi questionário. Os respondentes foram sete professores recém-contratados de diferentes cursos da graduação numa universidade do Estado do Rio Grande do Sul. Esses professores eram participantes de uma disciplina denominada Metodologia do Ensino Superior ofertada pela instituição aos novos professores. O envio do questionário foi por e-mail a cada um deles e ocorreu no mês de agosto de 2018, isto é, após a conclusão da disciplina que ocorreu no primeiro semestre. Torna-se relevante afirmar que a amostra dos entrevistados refere-se a todos os novos professores daquele semestre que participaram como alunos na disciplina citada. As idades desses professores variavam entre 38 e 55 anos. Quatro entrevistados eram do sexo masculino e três do sexo feminino e todos possuem doutorado.

Conforme Marconi & Lakatos (1999) os questionários são instrumentos de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito, sua vantagem diz respeito a quantidade de material coletado, liberdade de respostas, ou seja, anonimato, atinge maior número de pessoas simultaneamente, maior tempo para responder e flexibilidade de horário para os respondentes. No que tange a análise de dados a técnica utilizada é Análise de Conteúdo de Bardin (2006). Pode-se dizer que análise de conteúdo é uma técnica refinada, que exige muita dedicação, paciência e tempo do pesquisador, o qual tem de se valer da intuição, imaginação e criatividade, principalmente na definição de categorias de análise. Em 1977 Bardin publicou a sua obra *L'analyse de contenu*, na qual o método foi configurado em detalhes, servindo de orientação e principal referência até os dias atuais. Como refere Triviños (1987, p. 159), é esta “a obra verdadeiramente notável sobre a análise de conteúdo, onde este método, poder-se-ia dizer, foi configurado em detalhes, não só em relação à técnica de seu emprego, mas também em seus princípios, em seus conceitos fundamentais”.

4 Resultados

Após a aplicação dos questionários, iniciou-se a análise de conteúdo e a determinação do contexto e as categorias. As categorias, portanto, referem-se às análises das respostas, suas maiores ocorrências e semelhanças. Desta forma, no quadro abaixo, a primeira coluna apresenta as perguntas feitas aos entrevistados, após, tem-se a coluna com o contexto, ou seja, o cerne do que se pretende analisar no que tange à universidade e no que diz respeito diretamente ao papel do professor no atual contexto universitário, e por fim, as categorias. Para as citações nas categorias, a partir do capítulo 4.1, optou-se pelas codificações R1 à R7 indicando as respostas (R de Respostas) dos professores.

Tabela 1: Resultados resumidos

Perguntas	Contexto	Categorias
Quais os desafios atuais encontrados na Universidade?	Desafios da Universidade	1) Modelo tradicional da educação/Mudanças nas práticas pedagógicas. 2) Mercado de trabalho. 3) Formar cidadãos.
Quais os desafios enfrentados pelos	Desafios dos professores no	1) Insegurança das transformações do trabalho.

professores universitários no atual contexto?	atual contexto	2) Entender as necessidades dos estudantes/Dar a palavra ao aluno.
---	----------------	--

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

4.1 Contexto: Desafios da Universidade

4.1.1 Categoria: Mudanças nas práticas pedagógicas

Esse assunto parece ser um dos temas mais abordados atualmente, nunca se falou tanto em metodologias ativas, tecnologia da informação e comunicação (TIC) do que atualmente. Essa categoria contou com seis declarações a respeito, mas antes é válido trazer o conceito de Moran (2017, p. 02):

Metodologias ativas são estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada, híbrida. As metodologias ativas num mundo conectado e digital se expressam através de modelos de ensino híbridos, com muitas possíveis combinações. A junção de metodologias ativas com modelos flexíveis, híbridos traz contribuições importantes para a o desenho de soluções atuais para os aprendizes de hoje.

Masetto (2003) defende aulas vivas. Sugere que sejam modificadas e alteradas para que venham se tornar efetivamente ambientes inovadores na vida dos participantes de um processo de aprendizagem, podendo acontecer em quatro perspectivas: como um grupo de pessoas buscando objetivos comuns, como (con)vivência humana e de relações pedagógicas, como espaço de relações pedagógicas e outros ambientes de aprendizagem (aulas de outros modos).

Nesse sentido, os resultados dos questionários retrataram que esse tema está latente. O R7 afirma que está criando mais exercícios práticos, colaborativos e reflexivos, reduzindo, assim, aulas expositivas muito cansativas, “pois muitos estudantes querem aulas mais práticas e dinâmicas”. O R6 assume que precisa se atualizar sobre as práticas pedagógicas e aumentar seu repertório metodológico. O R4 afirma que aplica novas metodologias e usa o júri simulado, por exemplo. R3 declara que após participar da disciplina de metodologia do ensino superior: “Estou articulando melhor as propostas de atividades e as avaliações. Introduzi algumas metodologias ativas vistas em aula como o *world coffee*, sala de aula invertida, entre outras”. O R1 sustenta que é importante entender que o mundo mudou, então a prática

pedagógica também tem de mudar. Já o R2 pergunta: “Justamente entender quem é o aluno na contemporaneidade para então aplicar novas metodologias”.

Moran (2015) enfatiza que a escola padronizada, aquela que ensina e avalia a todos de forma igual e exige resultados previsíveis, ignora que a sociedade do conhecimento é baseada em competências cognitivas, pessoais e sociais, que não se adquirem da forma convencional e que exigem proatividade, colaboração, personalização e visão empreendedora. Valente (2014) afirma que o aprendiz necessita ter um papel ativo para significar e compreender as informações segundo conhecimentos prévios, construir novos conhecimentos, e saber aplicá-los em situações concretas. Para o autor, especificamente com relação à sala de aula, ela terá de ser repensada na sua estrutura, bem como na abordagem pedagógica que tem sido utilizada.

Moran (2017, p. 02) é categórico ao afirmar:

Aprendemos de muitas maneiras, com diversas técnicas, procedimentos, mais ou menos eficazes para conseguir os objetivos desejados. A aprendizagem ativa aumenta a nossa flexibilidade cognitiva, que é a capacidade de alternar e realizar diferentes tarefas, operações mentais ou objetivos e de adaptar-nos a situações inesperadas, superando modelos mentais rígidos e automatismos pouco eficientes.

4.1.2 Categoria: Mercado de Trabalho

Esse é um tema que repercute muito na comunidade acadêmica, e provoca que as instituições de ensino saiam da zona de conforto. Não é em vão a preocupação dos professores nesse sentido, haja vista, que eles têm a árdua tarefa de saber articular a teoria com a prática, pensando na formação cidadã e no mercado de trabalho. Nesse sentido foram quatro docentes que abordaram o tema mercado de trabalho.

Para o R1 um grande desafio é desvincular a ideia de formação superior das questões do “mercado”, pois “existe uma crise” das instituições formais, incluindo a universidade, em um momento em que o conhecimento se produz e articula de novas formas. Segundo o R1, isso leva ao questionamento do papel social da universidade e a sustentabilidade do modelo tradicional.

Conforme o R2 o maior desafio é formar “profissionais questionadores e capazes de se aprofundar, num contexto que parece tão acelerado e raso com as dinâmicas das novas mídias e os novos contextos dos mundos da academia e do trabalho. Acho bem desafiador levar o estudante a se comprometer com uma busca que vai exigir dele esforço, empenho,

dedicação”. Já o R4 afirma que o desafio é a universidade alinhar-se ao que está acontecendo no mundo do trabalho, para ele, é fundamental um alinhamento da teoria e da prática. O R3 aponta que o uso de metodologias como o estudo de caso aproxima mais o estudante de casos da vida profissional real.

Alinhado a esses aspectos Audy (2017) analisa que o cenário, de fim do emprego tradicional, demanda um novo tipo de formação, pressiona para novos cursos, estimula a formação integral, mais generalista, e gera a necessidade de novas estruturas nas universidades, em todas as suas dimensões. O autor também destaca que as profundas mudanças na sociedade, geram novas demandas, novas carreiras profissionais, com formação mais abrangente e flexível, fim do emprego único, perspectivas de uma vida profissional com mudanças de carreira frequentes.

Segundo Escotet (1998, p. 25):

A principal transformação profissional à nossa frente vai exigir padrão interdisciplinar mais elevado, revitalização do grupo de disciplinas relacionadas com a ética, a estética e a comunicação, e mudança na atividade do professor e do estudante, quando se trata de mudar a ideia de uma educação final para a educação ao longo de toda a vida. Em outras palavras, o profissional do futuro estará preso por toda a vida à educação, e educação e trabalho estarão de mãos dadas, e não uma às expensas do outro.

Com relação ao aspecto interdisciplinar, Yarzabal (2002) aponta que o conhecimento é diferente e é manejado de formas diferentes. O conhecimento não é mais monodisciplinar, mas sim interdisciplinar, está centrado no problema, não na disciplina. Destaca ainda o autor, que é produzido em diversos âmbitos mais próximos da sua aplicação, deslocou-se dos círculos acadêmicos para aproximar-se dos círculos produtivos empresariais e industriais.

O que se percebe é a necessidade que o mercado de trabalho tem agora de profissionais não exclusivamente técnicos, mas também, profissionais que tenham comportamentos e habilidades sociais e de relacionamento que demonstrem seu papel cidadão, afinal, o consumidor hoje, tem buscado empresas que tenham focos voltados à responsabilidade social e ambiental. Essa perspectiva atual articula-se com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO (2015) quando afirma reconhecer a relevância da educação e da aprendizagem para entender e resolver questões globais nas áreas social, política, cultural, econômica e ambiental. O papel da educação tem ido além do desenvolvimento de conhecimento e habilidades cognitivas para a construção de

valores, e atitudes entre alunos. O órgão destaca esperar que a educação facilite a cooperação internacional e promova a transformação social de uma forma inovadora em direção a um mundo mais justo, pacífico, tolerante, inclusivo, seguro e sustentável.

4.1.3 Categoria: Formar cidadãos

É fundamental dizer que no ano de 2015 a UNESCO (2015) publicou o documento traduzido como Educação para a Cidadania Global (ECG) - Preparando alunos para os desafios do século XXI. A UNESCO, em resposta à crescente demanda de seus Estados membros, apoiando o empoderamento dos alunos e visando torná-los cidadãos globais responsáveis, fez da ECG um de seus principais objetivos educacionais para os próximos oito anos (2014-2021). A publicação surge em um momento em que a comunidade internacional é chamada a estabelecer uma nova agenda de desenvolvimento, que leve em consideração as implicações de desenvolvimentos socioeconômicos mais amplos e tendências emergentes para a educação em um mundo cada vez mais globalizado e interconectado. A ECG é um marco paradigmático que sintetiza o modo como a educação pode desenvolver conhecimentos, habilidades, valores e atitudes de que os alunos precisam para assegurar um mundo mais justo, pacífico, tolerante, inclusivo, seguro e sustentável. É construída com uma perspectiva de aprendizagem por toda a vida. Não é voltada apenas para crianças e jovens, mas também para adultos.

Além da ECG é importante destacar que a UNESCO (2015), junto com o UNICEF, o Banco Mundial, o UNFPA, o PNUD, a ONU Mulheres e o ACNUR, organizou o Fórum Mundial de Educação 2015, em Incheon, na Coreia do Sul. Nesse evento, foi adotado a Declaração de Incheon para a Educação 2030, que estabelece uma nova visão para a educação para os próximos 15 anos. Esse documento é inspirado por uma visão humanista da educação e do desenvolvimento, com base nos direitos humanos e na dignidade; na justiça social; na inclusão; na proteção; na diversidade cultural, linguística e étnica; e na responsabilidade e na prestação de contas compartilhadas.

Alinhado a essas declarações, três dos professores que responderam a pesquisa demonstraram preocupação com relação em formar cidadãos. Por exemplo, o R1 quando afirma que os desafios são formar pessoas, cidadãos e profissionais questionadores e complementa: “Acho que o papel da educação precisa ser discutido por toda sociedade. REVELLI, Vol. 11. 2019. Dossiê: Inovação, Tecnologias e práticas docentes. ISSN 1984-6576.

Afinal, que tipo de educação a sociedade quer? Queremos formar somente profissionais? Ou queremos formar cidadãos e seres humanos? O nosso norte é o mercado? Ou nosso norte é a sociedade, a humanidade? E será que as coisas podem ser conciliadas? Como? Penso que discutir muito isso, falar sobre isso pode ser um começo. A discussão deve estar no ambiente acadêmico e na sociedade como um todo”. O R4 traz também o questionamento: “será que estamos formando técnicos ou cidadãos comprometidos com a sociedade?”. O R7 retrata que se preocupa que haja uma dedicação maior dos professores em abordagens mais voltadas para as disciplinas técnicas que humanas.

Alinhada a essas preocupações retratadas pelos professores, é possível notar que para a UNESCO (2015) é necessária atenção renovada ao propósito e à relevância da educação para o desenvolvimento humano e a sustentabilidade econômica, social e ambiental e, desta forma, é uma característica definidora da agenda da Educação 2030. Adiciona ainda que entende a educação como inclusiva e crucial na promoção da democracia e dos direitos humanos, da cidadania global, da tolerância e do engajamento civil, bem como, do desenvolvimento sustentável. Para a UNESCO (2015) a educação facilita o diálogo intercultural e fomenta o respeito pela diversidade cultural, religiosa e linguística, aspectos vitais para alcançar a coesão e a justiça social.

4.2 Contexto: Desafios dos professores no atual contexto

4.2.1 Categoria: Insegurança das transformações do trabalho

Essa categoria foi referenciada por quatro docentes, onde o professor R2 afirmou: “Os professores não são seres especiais ou superiores a outros tipos de trabalhador”. Para o R2, os professores vivem os mesmos desafios e inseguranças das transformações do trabalho na atualidade. Ainda afirma: “Eu diria que temos que encarar com leveza, bom-humor, empatia e estar atentos para as imensas possibilidades no campo da educação, temos de estar abertos às mudanças e ao diálogo com alunos, pares e superiores”. Para o R3, os professores são parte de um sistema muito maior e o papel da educação precisa ser discutido por toda sociedade. O R4 destaca que: “Acho que nós, professores, deveríamos ter a postura de sermos sempre alunos: devemos sempre aprender, ter a disposição e a humildade de aprender continuamente, para nos mantermos no ritmo do mundo e dos nossos alunos”. O R4 também afirma: “Acredito que faltam ações de apoio ao professor no sentido de dar suporte em sala de aula para que o professor possa ajudar todos os alunos”.

Vale notar a contribuição de Tardif (2000) ao assegurar que no mundo do trabalho dos professores, o que distingue as profissões das outras ocupações é, em grande parte, a natureza dos conhecimentos que estão em jogo. Em sua prática, os profissionais devem se apoiar em conhecimentos especializados e formalizados, na maioria das vezes, por intermédio das disciplinas científicas em sentido amplo, incluindo, evidentemente, as ciências naturais e aplicadas, mas também as ciências sociais e humanas, assim como as ciências da educação. É por isso que um dos professores, o R5, destacou que acredita que o fator emocional está fortemente envolvido na atuação como docente. “Tenho alunos desmotivados e, às vezes, depressivos. Outros agressivos e bipolares. Para o professor, conseguir ajudar todos estes alunos é muito difícil”. Conforme retrata Tardif (2000) embora possam basear-se em disciplinas científicas ditas “puras”, os conhecimentos profissionais são essencialmente pragmáticos, ou seja, são modelados e voltados para a solução de situações problemáticas concretas. Corrobora com essas ideias Gil (2007) ao argumentar que o professor universitário precisa ter uma visão de mundo, de ser humano, de ciência e de educação compatível com as características de sua função.

Imbernón (1998) defendia já há duas décadas, alguns aspectos acerca da formação permanente dos professores como a reflexão sobre a própria prática mediante a análise da realidade educativa, e a compreensão, interpretação e intervenção sobre ela; o intercâmbio das experiências e o desenvolvimento para seu centro de trabalho mediante trabalho colaborativo.

O autor também reflete que a formação sempre há que ter como finalidade provocar a mudança, a melhora, a inovação, que seja entendida como estratégia para uma mudança específica, ou para uma mudança organizacional. Porém, para realizar uma melhora, os professores deverão encontrar a sua solução para as suas situações práticas (IMBERNÓN, 1998).

4.2.2 Categoria: Entender as necessidades dos estudantes e Dar a palavra ao aluno

Este tema também apresentou quatro citações. O docente R7 destaca que “primeiro, não se pode fazer só aula expositiva. Segundo: tem de dar a palavra ao aluno. Terceiro: tem de mostrar que você, professor, gosta daquele assunto que está lecionando. Se não gosta, tem de arrumar um jeito de gostar”. Para R2: “temos de estar abertos às mudanças e ao diálogo com alunos, pares e superiores”. Para o R1: “Acho que na graduação a função do professor passa muito por fazer a ponte entre um conhecimento elaborado numa época sem internet nem

celular e o mundo de hoje. E assim aumentar o repertório do aluno, formando-o criticamente”. Para o R3: “Acredito que o professor deve ter muita empatia. Entender as necessidades individuais de cada aluno e tentar ajudá-lo da melhor maneira possível. Ao mesmo tempo, o professor deve buscar sempre a qualidade máxima dos trabalhos e do comprometimento dos alunos, incentivando-os a trabalhar em sala de aula”.

Nesse viés de observar as necessidades dos estudantes, Moran (2017) enfatiza que o papel do professor é o de desenhador de roteiros pessoais e grupais de aprendizagem, de mediador avançado que não está centrado só em transmitir informações de uma área específica. O professor é cada vez mais um *coach*, que orienta o aprendizado, uma pessoa que ajuda os estudantes a elaborarem seus projetos de aprendizagem.

Nessa linha de pensamento, ainda surgem muitas propostas de aprendizagem ativa, onde o aluno é o protagonista e assume um perfil mais participativo, na qual ele toma ações a partir de um problema, desenvolve projetos, faz análises em grupos e assim constrói seu conhecimento. Valente (2014), nesse sentido, destaca que diversas estratégias têm sido utilizadas para promover a aprendizagem ativa. O autor aponta algumas como a aprendizagem baseada na pesquisa, o uso de jogos, a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), ou a Aprendizagem Baseada em Problemas e por Projetos (ABPP), metodologias as quais o aluno conduz suas descobertas.

Este aspecto também é comentado por Moran (2015) quando analisa que a educação formal está num impasse diante de tantas mudanças na sociedade: como evoluir para tornar-se relevante e conseguir que todos aprendam de forma competente a conhecer, a construir seus projetos de vida e a conviver com os demais. Os processos de organizar o currículo, as metodologias, os tempos e os espaços precisam ser revistos. O papel ativo do professor como design de caminhos, de atividades individuais e de grupo é decisivo e o faz de forma diferente. O professor se torna cada vez mais um gestor e orientador de caminhos coletivos e individuais, previsíveis e imprevisíveis, em uma construção mais aberta, criativa e empreendedora.

5 Conclusão

É possível notar a partir dessa pesquisa, uma conexão entre as categorias, ou seja, as preocupações se interagem e não por acaso. Não existe universidade sem a sociedade e essa tem passado por mudanças significativas que refletem nos estudantes e nos professores. O

atual contexto promove inseguranças e dúvidas as quais somente ao longo do tempo será possível avaliar. No entanto, essas inseguranças devem ser prevenidas por meio de planos estruturados, principalmente no que diz respeito à formação continuada de professores, revisão de currículos para atender as novas demandas da sociedade e do mercado de trabalho e reestruturação dos ambientes educacionais.

A conexão entre os aspectos apresentados pelos professores na pesquisa emerge de suas vivências, e a partir dos questionamentos realizados, merece destaque que as incertezas dominam, sobretudo, no papel do estudante, especialmente, quando surge a questão “Quem é o estudante na atualidade?” Também, em saber reconhecer as suas dificuldades, as suas necessidades individuais, bem como, em dar-lhes voz.

Não se pode perder de vista que o cenário universitário é composto além dos estudantes, por professores e pela gestão da instituição. Essa, por sua vez, tem que inovar, contudo, não inovar porque está na moda, mas planejar e estar atenta aos novos comportamentos da sociedade e dos estudantes, os quais já chegam conectados, haja vista a entrada frenética da tecnologia e, desta forma, oferecer formação continuada ao seu capital humano para que seja possível colocar o estudante como o protagonista por meio de dinâmicas planejadas e bem executadas.

No que tange a capacitação docente, percebe-se uma divergência de opiniões sobre a responsabilidade de buscar conhecimento. Para uns é responsabilidade das instituições de ensino e do governo promoverem o desenvolvimento dos professores, outros, por outro lado, acreditam que o professor deve buscar seu desenvolvimento técnico e pessoal, independente de ajuda externa. Na realidade, ambas as opiniões estão corretas, os dois aspectos são importantes, pois também deve haver uma motivação pessoal para se autodesenvolver, essa atitude é fundamental para se autoconhecer e ser um bom profissional. Ademais, sabe-se que no atual contexto financeiro mundial e em especial brasileiro, aguardar recursos das instituições governamentais e privadas, pode se tornar inviável e conseqüentemente, não acompanhar os avanços que a sociedade está passando.

A partir desta pesquisa fica evidente que esses professores os quais estão iniciando sua trajetória docente apresentam preocupações que passam por questões que estão latentes, como as metodologias ativas, cidadania, mundo do trabalho, dar voz ao aluno, portanto, as universidades não podem deixá-las submersas em debates simplistas, mas, sobretudo, oportunizar ações formativas que possam discutir situações educacionais reais por meio da reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas e o comportamento humano. Ademais, a

complexidade existente hoje propõe que haja trabalho de equipe onde o coletivo possa articular com o individual e por fim, tentar desenvolver competências para os professores que consequentemente atingirão os estudantes. Essa construção coletiva visa favorecer uma sociedade onde haja egressos tecnicamente formados, mas acima de tudo com uma visão crítica, humana e cidadã.

REFERÊNCIAS

- AAKER, D. A.; DAY, G. S.; KUMAR, V. **Pesquisa de marketing**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- AUDY, J. **A inovação, o desenvolvimento e o papel da Universidade**. ESTUDOS AVANÇADOS 31 (90), 2017.
- BARDIN, L. (2006). **Análise de conteúdo**. Tradução. L. de A. Rego & A. Pinheiro. Lisboa: Edições 70.
- BERHEIN, C.T.; CHAUI, M.S. **Desafios da Universidade na sociedade do conhecimento: cinco anos depois da Conferência Mundial Sobre Educação Superior**. Brasília: UNESCO, 2008.
- DIAS SOBRINHO, J. (2010). **Dilemas da Educação Superior no mundo globalizado: sociedade do conhecimento ou economia do conhecimento?** São Paulo: Casa do Psicólogo.
- ENRICONE, D. **Inovações na educação superior para dialogar com a sociedade: tarefa de profissionais**. In: XXIII Simpósio Brasileiro. UFRGS 2007, p. 1-12. Porto Alegre, 2007.
- ESCOTET, M. A. **Wanted: a new deal for the universities**. *The UNESCO Courier: a window open on the world*, v. 51, n. 9, p. 24-27, 1998
- FLICK, U. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- GIL, A. C. **Didática do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2007.
- IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- IMBERNÓN, F. **La Formación y el desarrollo profesional del profesorado**. Barcelona: Editorial Graó, 1998.
- MASETTO, M. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.
- MASETTO, M. **Inovação na aula universitária**. *Revista Perspectiva*, Florianópolis, v. 29, n. 2, 597-620, jul./dez. 2011.
- MORAN, J. **Inovações pedagógicas na educação superior presencial e a distância**. São Paulo: Papyrus. 2015.
- MORAN, J. **Metodologias ativas e modelos híbridos na educação**. Publicado em YAEGASHI, Solange e outros (Orgs). *Novas Tecnologias Digitais: Reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento*. Curitiba: CRV, 2017, p.23-35.
http://www.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2018/03/Metodologias_Ativas.pdf
- MOROSINI, M. (2014). **Qualidade da educação superior e contextos emergentes**. *Revista Avaliação da Educação Superior*, v.19, n.2, pp.385-405.
- MARCONI. LAKATOS. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2010.
- NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote. 1992.
- NÓVOA, Antonio. **A criação de novos ambientes escolares e o adeus à escola do século XIX**. Entrevistador Fernanda Fernandes. Rio de Janeiro. Multirio. 2018. Disponível em
- REVELLI, Vol. 11. 2019. Dossiê: Inovação, Tecnologias e práticas docentes. ISSN 1984-6576. E-201934

<<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/14384-cria%C3%A7%C3%A3o-de-novos-ambientes-escolares-e-o-adeus-%C3%A0-escola-dos%C3%A9culo-xix>> Acesso em 08 set 2019.

TARDIF, M. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários.** Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2000 N° 13, 2000.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO. **Educação para a cidadania global: preparando alunos para os desafios do século XXI.** Coordenação: Setor de Educação da Representação da UNESCO no Brasil. Tradução: Rita Brossard. Brasília: UNESCO, 2015.

UNESCO. **Conferência Mundial sobre Educação Superior. Paris: 1998. Declaração Mundial sobre Educação Superior no século XXI: visão e ação;** Marco referencial de ação prioritária para a mudança e desenvolvimento da educação superior. Biblioteca Nacional de Direitos Humanos: USP, 1998.

UNESCO. **Educação 2030: Declaração de Incheon e marco de ação, rumo a uma educação de qualidade, inclusiva e a educação ao longo da vida para todos,** Brasília, 2015.

VALENTE, J. A. **A Comunicação e a Educação baseada no uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação.** Revista UNIFESO – Humanas e Sociais Vol. 1, n. 1, 2014, pp. 141-166.

YARZÁBAL, L. **Consenso para el cambio en la educación superior,** Caracas: UNESCO IESALC, 1999.

ZABALZA, Miguel. **O ensino universitário: seus cenários e seus protagonistas.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.